

Literatura, Arte e Feminismos

Adriana de Fátima A. L. Barbosa
Susana Souto Silva
(organizadoras)

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Fernando César Lima Leite
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
: Carlos José Souza de Alvarenga
: Estevão Chaves de Rezende Martins
: Flávia Millena Biroli Tokarski
: Jorge Madeira Nogueira
: Maria Lidia Bueno Fernandes
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
: Sely Maria de Souza Costa
: Verônica Moreira Amado



Literatura, Arte e Feminismos

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa
Susana Souto Silva
(organizadoras)



Equipe editorial
: Luciana Lins Camello Galvão
: Elaine Pires
Coordenação de produção editorial :
Preparação e revisão :
Projeto gráfico : Wladimir de Andrade Oliveira
Diagramação : Haroldo Brito
: © 2019 Editora Universidade de Brasília
: Direitos exclusivos para esta edição:
: Editora Universidade de Brasília
: SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
: 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
: Telefone: (61) 3035-4200
: Site: www.editora.unb.br
: E-mail: contatoeditora@unb.br
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
: desta publicação poderá ser armazenada ou
: reproduzida por qualquer meio sem a autorização
: por escrito da Editora.
: Esta obra foi publicada com recursos provenientes do
: Edital DPI/DPG nº 3/2019.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

L766 Literatura, arte e feminismos / Adriana de Fátima Alexandrino
Lima Barbosa, Susana Souto Silva (organizadoras). – Brasília :
Editora Universidade de Brasília, 2021.
202 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-008-4

1. Literatura. 2. Arte. 3. Feminismo. I. Barbosa, Adriana de
Fátima Alexandrino Lima (org.). II. Silva, Susana Souto (org.).
III. Série.

CDU 82:396

Sumário

Apresentação 7

Capítulo 1

Mulheres: caminhos e atalhos na ficção de Clarice Lispector 11

Nádia Battella Gotlib

Introdução: o mito e a desmitificação 12

Um conto: Luísa. Uma situação 17

Uma crônica: Artemira. Um retrato 19

Um romance: Janair. Um processo 23

Conclusão. É a hora 25

Capítulo 2

“Mulher é gente tão infeliz... Carece de ter coragem” – Diadorim & Grande Sertão: Veredas 29

Caroline Neres de Andrade

“Tão galante moço, as feições finas caprichadas” 30

“Saudade de ideia e saudade de coração” 36

“Nas estórias, nos livros, não é desse jeito?” 39

“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” 45

“Mulher é gente tão infeliz... Carece de ter coragem” 52

Capítulo 3

O feminino e a insurreição pela linguagem 69

Ondina Pena Pereira

Capítulo 4

Feminismo, revolução e artes visuais 81

Raísa Curty

Capítulo 5

A paz só aparece nessas horas, em que a guerra é transferida, viu? (ou o estridente presságio de 2019 no Brasil) 89

Hilan Bensusan

Capítulo 6

O discurso da feitiçaria e o transe do neoliberalismo 97

Susan de Oliveira

Capítulo 7

“Irmãs”, de Kollontai: o debate sobre o lugar da mulher na literatura e na práxis social 113

Carla Cristina Guimarães

Thais Cristina da Silva

Alexandra Kollontai: vida e militância 115

O conto “Irmãs” à luz dos pressupostos de Kollontai 120

Capítulo 8

O consumo da arte negra: desafiando ou reproduzindo os discursos coloniais? 133

Milena Britto

O pós-colonial *versus* o colonial nas artes 133

Arte negra para quem? 139

Capítulo 9

Lygia Fagundes Telles e os percalços da autoria feminina 153

Lizandra Filgueiras Andrade

O lugar da autoria feminina 161

Escreva como uma mulher: a busca pela manifestação artística do “eu” 166

Capítulo 10

Inteligência coletiva e amizade política: por uma teoria da vanguarda feminista 177

Cecilia Palmeiro

As línguas das loucas 180

Quando a história se torna crítica, a arte se radicaliza 184

Poética e vanguarda 189



10

Capítulo 10

Inteligência coletiva e amizade política: por uma teoria da vanguarda feminista

Cecilia Palmeiro

O ano de 2015 marca uma data-chave no calendário revolucionário: é o nascimento de um enorme movimento feminista transnacional que se nomeia *maré feminista*. Sua primeira aparição foi em 3 de junho desse ano, na primeira marcha Ni Una Menos, na Argentina, com a presença de aproximadamente quinhentas mil pessoas em todo o país (trezentas mil só em Buenos Aires). Desde então, o mundo se viu sacudido por uma série de manifestações oceânicas, as mais massivas da história do feminismo, constituindo um movimento múltiplo, expansivo e capilarizado com enorme capacidade de conectividade entre lutas



e um sujeito histórico-político mobilizado pelo desejo e pela urgência de mudar o mundo.

Este capítulo tenta analisar uma das características que faz a força desta revolução micropolítica e que chamarei momentaneamente de vanguarda feminista, em função das forças criativas que se formam como parte da vida do novo para criar uma nova vida, emancipando-se da esfera puramente estética (e seu confinamento em museus, galerias e até mesmo na noção de obra de arte).

Para sair às ruas e organizar-se, a maré feminista põe em funcionamento uma máquina de transformação subjetiva e de expressão que, ao criar linguagens, imagens e conceitos, elabora utopias e opera uma transformação sensível do mundo. O feminismo funciona então como o motor que abre aquilo que Suely Rolnik, em seu livro *Esferas de la insurrección*,¹ denomina “vias de acesso para a potência da criação em nós mesmxs: a nascente do movimento pulsional que move as ações do desejo em seus distintos destinos.”² (ROLNIK, 2019, p. 45, tradução nossa). O que se libera então nesse tipo particular de organização é uma “potência coletiva de criação e cooperação, que constitui a condição para a construção do comum, que emana do poder de insurgência e, ao mesmo tempo, o fortalece.”³ (ROLNIK, 2019, p. 46, tradução nossa).

Este movimento, que faz explodir a esfera estética para dar forma a uma nova política, pode ser chamado de vanguarda feminista em sentido estético e político. A seguir, analisarei características específicas dessa vanguarda à luz dos experimentos da literatura latino-americana, em particular, de uma tradição minoritária que chamo de *As línguas das*

¹ Enquanto escrevia este ensaio participei de um processo de tradução coletiva para o livro apontado, lançado em espanhol pela editora Tinta Limón, em 2019. Essa experiência foi fundamental para muitas das conceituações aqui presentes.

² “*vías de acceso a la potencia de la creación en nosotrxs mismos: la naciente del movimiento pulsional que mueve las acciones del deseo en sus distintos destinos.*” (ROLNIK, 2019, p. 45).

³ “*potencia colectiva de creación y cooperación, que constituye la condición para la construcción de lo común, que emana del poder de insurgencia y, al mismo tiempo, lo fortalece.*” (ROLNIK, 2019, p. 46).

loucas, uma discursividade pós-autônoma que vincula a experimentação poética à ação política como *acuerpamiento*,⁴ em uma genealogia na qual é possível inscrever o movimento Ni Una Menos.

A presente análise baseia-se na experiência concreta de minha participação no coletivo Ni Una Menos e na elaboração de um arquivo vivo dessa experiência, chamado *Mareadas en la marea: diario íntimo de una revolución feminista*, em que fiz a curadoria junto à artista e ativista Fernanda Laguna.⁵ O lema “Ni Una Menos”, que é um *slogan* e uma *hashtag*, é também o nome do coletivo que o lançou e, de um enorme e rizomático movimento social internacional, nasceu como contração de uma linguagem poética que expressava uma reivindicação social.

A poeta mexicana Susana Chávez (1974-2011), uma das primeiras vozes a denunciar os feminicídios da *Ciudad Juárez*, cunhou em 1995 a frase “Ni una muerta más, ni una mujer menos”, que inspirou no México o movimento Ni Una Más. Chávez foi brutalmente assassinada em 2011 na cidade do México pelo fato de ser mulher, convertendo-se em um dos símbolos mais representativos da luta contra o feminicídio. Por isso, nas primeiras conversas que deram origem às reivindicações na Argentina, se produziu a contração do verso em espanhol e se criou a fórmula que, por sua densidade política e expressividade poética, percorreu e se instalou no mundo como grito coletivo e um *acuerpamiento* mundial.

⁴ Nota das tradutoras: preferimos manter o original, pois trata-se de um conceito já estabelecido a partir da reflexão de Lorena Cabnal, feminista guatemalteca que diz: “*Acuerpar es la acción personal y colectiva de nuestros cuerpos indignados ante las injusticias que viven otros cuerpos. Que se auto convocan para proveerse de energía política para resistir y actuar contra las múltiples opresiones patriarcales, colonialistas, racistas y capitalistas. El acuerpamiento genera energías afectivas y espirituales y rompe las fronteras y el tiempo impuesto. Nos provee cercanía, indignación colectiva pero también revitalización y nuevas fuerzas, para recuperar la alegría sin perder la indignación*”. (Lorena Cabnal, Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitario en Guatemala).

⁵ O projeto teve início em 2017 e já realizou três exposições na cidade de Buenos Aires: na Galería Nora Fisch, nos subúrbios de Buenos Aires e na Universidad Nacional de General Sarmiento. Em Londres, esteve na galeria Campoli Presti e faz parte da exposição coletiva Still I Rise: Feminismos, Género, Resistência, em exposição no Nottingham Contemporary e depois no De La Warr Pavillion (Reino Unido).

De fato, esse *slogan* lançou uma proposta poética: uma maratona de leitura da tradição poética argentina a partir da perspectiva do feminicídio como uma tentativa de encontrar formulações poéticas para os lemas feministas.⁶ Nessa maratona, realizada em março de 2015 no Museu da Língua da Biblioteca Nacional da República Argentina, María Moreno, louca ilustre, e uma das tecelãs do conceito que desenvolverei a seguir, leu o célebre poema de Néstor Perlongher “Cadáveres” (1982), que aludia aos corpos dxs desaparecidxs da última ditadura militar, no sentido de outro genocídio, o de mulheres, vinculando machismo e fascismo do mesmo modo que Perlongher havia feito como ativista da Frente de Liberação Homossexual (1971-1976).

Um de seus documentos, “Sexo y revolución”, sustentava que “el machismo es el fascismo de entrecasa”. Essa conexão com a literatura argentina e mexicana, essa ponte entre poesia e ação política atravessada pela figura de Perlongher, fundador do movimento LGBTQ na América Latina e feminista da primeira hora, constitui um detalhe importante.

As línguas das loucas

Foi Perlongher que, como poeta neobarroco e ativista do desejo, levantou uma relação íntima entre poética e política. Se como ativista se orientou para a política das loucas (a defesa dos corpos feminizados e desejosos), como poeta desenvolveu uma poética de culto e “*de puto de barrio*”, uma língua enlouquecida.⁷ Para ele, a poesia tinha uma função altamente política: a de conectar o plano dos corpos e do desejo com o plano do discurso. Ou seja, a poesia seria a zona de experimentação estética e de elaboração de uma língua corporalizada capaz de desburocratizar as linguagens políticas de maneira a fazê-los capazes de expressar e comover os corpos.

⁶ Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/micrositios/multimedia/dialogos/ni-una-menos>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁷ O texto de Jorge Panesi “Cosa de locas: as línguas de Néstor Perlongher” é muito importante para essa conceituação. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lirico/1139>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Perlogher foi uma das fadas madrinhas de uma tradição que, hoje, junto a Mariano López Seoane, chamamos de *as línguas das loucas* (PALMEIRO; LÓPEZ, 2015), conceito por meio do qual conectamos as poéticas das loucas dentro e fora do literário e do político, como certo modo de ser da literatura fora da literatura e da política por fora do macropolítico. As línguas das loucas são agentes de polinização em cujo contato se anunciam modos de vida em potencial.

As línguas das loucas tecem uma discursividade louca que atravessa as distintas esferas, fazendo-as rebentar e ativando potências, transmitindo afetos, polinizando e afetando os corpos de maneira transfiguradora. A genealogia das loucas permite ademais pensar uma relação entre poética minoritária e políticas da diferença, e entre ativismos *queer* e feminismos.

Na cultura argentina, a figura da louca remonta à primeira metade do século XX, no mundo do tango. Louca é a mulher liberal, a puta, a que tem relações fora do casamento. No texto coletivo que começa esta investigação, dizemos junto a Javier Arroyuelo: louca é em sua origem uma categoria moral, um princípio de disciplinamento do corpo das mulheres. Mas a injúria não tarda em estender-se. Em questão de décadas aparece, na aliança aberrante com a puta, a figura pública do putto, tal como a de Néstor Perlongher e seus compaheirxs. Em sua versão cômica, ou trágica, o extremo, o radical, os putos se tornam loucas. A injúria capta agora um processo do vir a ser mulher molecular: não nomeia um fazer-se mulher, mas o que pode uma mulher no sentido da transgressão.

Com os anos a louca se situa na vanguarda das primeiras tentativas de politizar o prazer. Já a Frente de Liberação Homossexual teoriza sobre a política da louca enquanto bicha não assimilada, que fracassa na *performance* de gênero que lhe foi marcada desde pequena, confrontadora, mas ávida pelos machos da família e do Estado. A memória das loucas faz a crônica: arrastado para a delegacia, a louca de Perlongher aproveitava para virar-se aos policiais. No princípio, e em princípio, louca é um insulto. [...] este insulto é o fim de todo argumento, de toda discussão, imposto com todo o peso da razão

falocêntrica. Se em sua brilhante aparição quer funcionar como engessamento e como cárcere, esse cárcere não tarda em transformar-se em farsa, e desde aí, desde esse espaço reapropriado criticamente para o prazer e a festa, a louca goza, questiona e acusa. Definido por um dispositivo em que convergem a psiquiatrização e a criminalização da dissidência sexual e de gênero, o reino da louca se transforma assim em uma plataforma das buscas mais radicais de liberdade e das reivindicações mais estridentes pela igualdade⁸ (PALMEIRO; LÓPEZ, 2015, p. 1, tradução nossa).

Em nossa genealogia, as mulheres loucas do FLH seguiram as loucas da Praça: as Mães da Praça de Maio. Mulheres loucas com suas fraldas na cabeça, que gritavam com policiais e milicianos oficiais do governo. Sua insistência transbordante, colocando o corpo à tona por mais de quarenta anos as fez loucas veneráveis, as loucas que contaram a verdade e foram ouvidas por outra louca: a ex-presidente Cristina Fernández de Kirchner (CFK). O peronismo produz sua própria série de loucas: de Evita a Cristina, passando pela obscuríssima Isabelita, as políticas peronistas são umas mais loucas que as outras.

Do encontro da louca CFK com as loucas da praça e as loucas circulando nas praças, surge a possibilidade de um uso oficializado do feminino

⁸ “*Con los años la loca se sitúa a la vanguardia de los primeros intentos de politizar el placer. Ya el Frente de Liberación Homosexual teoriza sobre la política de la loca en tanto marica no asimilada, que fracasa en la performance de género que le han marcado desde chiquita, desafiante pero deseosa de los machos de la familia y el Estado. La memoria de las locas hace la crónica: arrastrado a la comisaría, la loca de Perlongher aprovechaba para yirarse a las canas. En el principio, y en principio, loca es un insulto. [...] este insulto es el fin de todo argumento, de toda discusión, impuesto con todo el peso de la razón falocéntrica. Si en su rutilante aparición quiere funcionar como encasillamiento y como cárcel, esa cárcel no tarda en mudar en bulo, y desde allí, desde ese espacio reapropriado críticamente para el placer y la fiesta, la loca goza, cuestiona e increpa. Definido por un dispositivo en el que convergen la psiquiatrización y la criminalización de la disidencia sexual y de género, el reino de la loca se transforma así en plataforma de las búsquedas más radicales de libertad y los reclamos más estridentes por la igualdad.*” (PALMEIRO; LÓPEZ, 2015, p. 1).

de trincheira: a lei de identidade de gênero. E é a possibilidade de uso do feminino travesti na língua formal, identitária, que gera outro recrudescimento anti-identitário: o neutro “E” ou “X”, a linguagem inclusiva, com a qual os corpos feminizados fazem uma ocupação do castelhano desbaratando sua divisão hierárquica de gênero. Porém, ao lado da inclusiva E, o feminino segue sendo minoritário, desestabilizador por sua ancoragem na raiva do menor, definindo um horizonte político que também é denominado no #NiUnaMenos. É justamente a insistência no “A” o que o diferencia gramaticalmente do NadieMenos ou NiUnxMenos, com o que setores conservadores (até a marcha machista Ni Uno Menos, no Peru) tentam questionar a especificidade da reivindicação de corpos feminizados que insistem na microfeminidade minoritária, como o grito coletivo que conecta línguas insurgentes e corpos castigados em rebeldia.

Essa protuberância que é a louca, com sua língua, com seu reino, fixa um horizonte para feministas e bichas. Somente como loucas podem gays, mulheres e trans subscrever seu pacto de sangue, celebrar as núpcias que darão nascimento a essa célula revolucionária em combate louco contra o machismo. Nossa cultura nos deu uma lição fundamental: a louca não tem gênero, embora sugira aquilo que de mulher molecular há em todos. Por isso a louca se nomeia em feminino. E por isso a língua das loucas abusa do feminino. [...] Isso não é mero recurso de estilo. O melhor: o estilo não é nunca algo menor, anedótico. Em nossa cultura ocupar uma língua sexista enquanto minoria tem tido consequências legais em termos de extensão da cidadania. Temos um exemplo dourado na Lei de Identidade de Gênero⁹ (PALMEIRO; LÓPEZ, 2015, p. 3, tradução nossa).

⁹ “*Esa protuberancia que es la loca, con su lengua, con su reino, fija un horizonte para feministas y trolos. Sólo como locas pueden maricones, mujeres y trans suscribir su pacto de sangre, celebrar las nupcias que darán nacimiento a esta célula revolucionaria en combate alocado contra el machismo. Nuestra cultura nos ha dado una lección fundamental: la loca no tiene género, aunque sugiere aquello que de mujer molecular hay en todos. Por eso la loca se nombra en femenino. Y por eso la lengua de las locas abusa de lo femenino. [...] Esto no es mero rasgo de estilo. O mejor: el estilo no es nunca algo menor, anecdótico. En nuestra cultura ocupar una lengua sexista en*

Dessa lei se deduz que o gênero é algo optativo, e na revolução feminista que atinge não só as mulheres moleculares (biológicas ou performativas), todos os corpos feminizados podem identificar-se sem ser nomeados, embora o sejam momentaneamente, com o feminino Ni uma Menos, mas também seus pronomes em *hashtags*: #NosotrasParamos; #NosotrasNosOrganizamos.

Se o “E” da linguagem inclusiva tenta desconstruir o binarismo da divisão em gêneros e aponta a construir outras subjetividades sem gênero no futuro (e por isso é tão popular entre crianças e jovens), é inegável que a violência se exerce sobre os corpos feminizados: que nos matam por sermos mulheres, lésbicas, travestis, trans e gays. Creio que uma língua de guerra não pode eximir-se do conflito, e que vale insistir no feminino plural: o feminino disruptivo das línguas das loucas.

Quando a história se torna crítica, a arte se radicaliza

Em um contexto de grave crise mundial da própria vida, produzido por um neoliberalismo extrativista de máxima intensidade, as práticas artísticas enfrentam uma crise de sua função. A arte se converte em objeto do *cafisheo* (para usar o termo de Rolnik) da criatividade em um mercado que alimenta a especulação financeira e permite prestigiar membros das elites financeiras globais, facilitando seus negócios que resultam no despojo total dos territórios e no proxenetismo de toda força vital (humana, vegetal e animal).

Em seu livro *Esferas de la insurrección* [Esferas da insurreição], Suely Rolnik fala sobre o mundo da arte e seus efeitos reativos:

[...] na nova versão do regime colonial-cafetão, a arte tornou-se um campo especialmente cobiçado pelo capitalismo como fonte privilegiada de apropriação da força criadora, a fim de instrumentalizá-la. Isso abre uma nova

cuanto minoría ha tenido consecuencias legales en términos de extensión de la ciudadanía. Tenemos un ejemplo dorado en la Ley de Identidad de Género.” (PALMEIRO; LÓPEZ, 2015, p. 3).

fronteira para o acúmulo de capital por meio do uso de arte para lavagem de dinheiro, uma vez que permite uma das mais rápidas e extraordinárias multiplicações do capital investido, baseadas em pura especulação. Mas a coisa não para por aí: essa instrumentalização também tem objetivos micropolíticos. A primeira delas consiste em neutralizar a força transfigurativa das práticas artísticas, reduzindo-as ao mero exercício da criatividade dissociada de sua função ética de dar corpo ao que a vida anuncia. O segundo objetivo micropolítico é usar a arte como passaporte de admissão nos salões internacionais das elites do capitalismo financeiro. [...] Como essas novas elites internacionais dominam o mercado de arte devido ao seu poder de compra de obras e, o que é mais grave, eles têm em suas mãos o poder da maioria dos grandes museus por meio da participação em seus conselhos, os artistas tendem a se adaptar às suas demandas para garantir seus locais. É assim que, também nesse campo, o poder da criação ainda é como é¹⁰ (ROLNIK, 2019, p. 80, tradução nossa).

Diante deste contexto, no qual a arte se vê *cafisheada* por meio de mecanismos antiartísticos que a convertem em um despojo de guerra em vez da mercadoria mais sofisticada e valiosa, a pergunta que emerge é:

¹⁰ “[...] en la nueva versión del régimen colonial-proxenético, el arte se ha convertido en un campo especialmente codiciado por el capitalismo como fuente privilegiada de apropiación de la fuerza creadora, con el fin instrumentalizarla. Se abre así una nueva frontera para la acumulación de capital mediante el uso que se hace del arte para lavar dinero, ya que permite una de las más rápidas y extraordinarias multiplicaciones del capital invertido con base en la pura especulación. Pero la cosa no se detiene por allí: esa instrumentalización también tiene objetivos micropolíticos. El primero de ellos consiste en neutralizar la fuerza transfiguradora de las prácticas artísticas, reduciéndolas al mero ejercicio de la creatividad disociada de su función ética de dar cuerpo a lo que la vida anuncia. El segundo objetivo micropolítico consiste en valerse del arte como pasaporte de admisión en los salones internacionales de las élites del capitalismo financierizado. [...] Como esas nuevas élites internacionales dominan el mercado del arte debido a su poder de comprar obras y, lo que es más grave, tienen en sus manos el poder de la mayoría de los principales museos a través de la participación en sus consejos, los artistas tienden a adecuarse a sus demandas para asegurarse los lugares sus salones. Es así como, también en este campo, la potencia de creación va siendo.” (ROLNIK, 2019, p. 80).

[...] como resistir ao espólio da potência de criação na arte, sua potência micropolítica? E, mais além do âmbito institucional da arte, como estratégias artísticas podem intervir na vida social, instaurando espaços para processos de experimentação, sua proliferação, seus devires? E, mais radicalmente, como ajudar a liberar a potência de criação de seu confinamento na arte?¹¹ (ROLNIK, 2019, p. 80, tradução nossa).

Só a reapropriação coletiva da força vital em sua potência criadora é capaz de semelhante tarefa. E a maré feminista oferece o processo de polinização e ativação desses processos do desejo nos corpos que compõem a maré, que desde 2015 até agora não para de crescer pelo mundo. Tal reapropriação coletiva da criatividade opera na construção do comum.

A intenção de insurgir-se micropoliticamente é a “potencialização” da vida: reapropriarse da força vital em sua potência criadora. Nos humanos, a reapropriação da pulsão depende de expropriar-se igualmente da linguagem (verbal, visual, gestual, existencial etc.) [...]. Isto depende de lançar-se em um processo de experimentação [...] – em que se criam palavras, imagens, gestos, modos de existência, de sexualidade etc. –, os mundos ainda em estado larval que se anunciam ao saber-do-vivo se tornam sensíveis¹² (ROLNIK, 2019, p. 90, tradução nossa).

¹¹ “[...]¿cómo resistir al expolio de la potencia de creación en el arte, su potencia micropolítica? Y, más allá del ámbito institucional del arte, ¿cómo estrategias artísticas pueden intervenir en la vida social, instaurando espacios para procesos de experimentación, su proliferación, sus devenires? Y, más radicalmente, ¿cómo ayudar a liberar la potencia de creación de su confinamiento en el arte?” (ROLNIK, 2019, p. 80).

¹² “La intención de insurreccionarse micropolíticamente es la ‘potenciación’ de la vida: reapropriarse de la fuerza vital en su potencia creadora. En los humanos, la reapropiación de la pulsión depende de reapropriarse igualmente del lenguaje (verbal, visual, gestual, existencial, etc.) [...]. Esto depende de lanzarse en un proceso de experimentación [...] —en que se crean palabras, imágenes, gestos, modos de existencia, de sexualidad, etc.— los mundos aún en estado larval que se anuncian al saber-de-lo-vivo se vuelven sensibles.” (ROLNIK, 2019, p. 90).

Seguindo (e tergiversando) a Rolnik, podemos chamar de vanguarda a certas experimentações da potência criadora, e sua saída do âmbito estético pode ser entendida como uma insurreição micropolítica que leva às subjetividades, por meio do pensamento e da ação-criação coletiva, experimentando mundos possíveis em estado larvário e mobilizando outros inconscientes para que se somem à insurreição por meio das ressonâncias que se podem despertar neles. Nas palavras de Rolnik:

É através da construção do comum que se coopera na insurgência micropolítica, cujos agentes se aproximam pela “via da ressonância”¹³ que se dá entre frequências de afetos (emoções vitais). Se trata de tecer múltiplas redes de conexões entre subjetividades e grupos [...], e cujo elemento de união são os embriões de mundo que habitam os corpos que participam dessas redes; impondo a urgência de que sejam criadas formas nas quais tais mundos possam materializar-se, completando assim seu processo de germinação. De tais reapropriações coletivas da pulsão depende a possibilidade de constituição de campos favorecedores da emergência de um “acontecimento” – ou seja, a emergência de uma transfiguração efetiva no tecido social. Esta resulta da germinação dos embriões de mundos que ressoaram entre os corpos e os levaram a unir-se, produzindo um ninho para o nascimento de outros modos de existência e de suas respectivas cartografias¹⁴ (ROLNIK, 2019, p. 11, tradução nossa).

¹³ Deve-se notar que a noção de “ressonância” é diferente daquela de “empatia”, outra palavra gasta em nossa cultura que reduziu seu uso ao compartilhamento de opiniões, ideologias, sistemas e sentimentos de valor (emoções psicológicas) ou, mais precisamente, “Sentimentos bons” – isto é, um compartilhamento restrito à esfera do sujeito. Ainda no âmbito da redução do uso do termo empatia à esfera macropolítica e aos bons sentimentos, é sua inserção atual no léxico de atitudes politicamente corretas que nega as tensões inerentes à relação com a alteridade e, conseqüentemente, não implica uma demanda por ação efetiva e nem pela transformação de si a partir dos efeitos reais do outro (emoções vitais). Em suma, o termo “empatia” tem sido usado em atitudes que negam a esfera micropolítica, daí a sua inadequação para designar o que possibilita a cooperação nessa área.

¹⁴ “*Es a través de la construcción de lo común que se coopera en la insurgencia micropolítica, cuyos agentes se aproximan por la “vía de la resonancia intensiva” que se da entre frecuencias de afectos (emociones vitales). Se trata de tejer múltiples redes*”

Esse acontecimento pode ser pensado como um *acuerpamiento*, seguindo as companheiras da Guatemala que cunharam o conceito. Tal *acuerpamiento* mundial Ni Una Menos apresenta uma dupla leitura como uma vanguarda: uma afinidade com os procedimentos das vanguardas políticas prévias, com as experimentações das línguas como questão política e com a revolução criativa na qual produz suas formas, suas experimentações subjetivas e organizacionais, suas imagens e suas utopias.

Vanguarda, como metáfora militar, é também a primeira linha de um exército. Como vanguarda política, significa transformar o conceito herdado de vanguardismo leninista. Enquanto o leninismo fez do vanguardismo uma espécie de elitismo revolucionário, a vanguarda feminista é horizontal e transversal, e se encontra nas bases: é a força da maré desatada nas meninas, o que gera conceitos, imagens, utopias radicalmente novas.¹⁵

de conexiones entre subjetividades y grupos [...], y cuyo elemento de unión son los embriones de mundo que habitan los cuerpos que participan de dichas redes; imponiéndoles la urgencia de que sean creadas formas en las que tales mundos puedan materializarse, completando así su proceso de germinación. De tales reapropiaciones colectivas de la pulsión depende la posibilidad de constitución de campos favorecedores de la emergencia de un “acontecimiento”—es decir, la emergencia de una transfiguración efectiva en el tejido social. Ésta resulta de la germinación de los embriones de mundos que resonaron entre los cuerpos y los llevaron a unirse, produciendo un nido para el nacimiento de otros modos de existencia y de sus respectivas cartografías.” (ROLNIK, 2019, p. 11).

¹⁵ Eu digo vanguarda como uma prática criativa ativa de mundos, e não vanguardismo como identificação política, que constitui um dos vícios dos movimentos revolucionários. Há correntes em tensão dentro do movimento, falsas vanguardas iluminadas e elitistas que se autodenominam herdeiras do feminismo radical e, em particular, as trans-excludentes (TERFs). São elementos orientados por políticas de desejo reativos que visam sujeitar e estabilizar ainda mais a identidade biológica da “mulher” como sujeito de direito (macropolítico) sem transformar a cartografia binacional e patriarcal proxenetista que produz essa subjetividade. Essas declarações essencialistas e biologicistas, finalmente retrógradas, muitas vezes se afixam na figura da mulher como vítimas, um caráter social muito paralisante e do qual é muito difícil sair. Como na Argentina o feminismo mais visível é tecido em aliança com travestis e trans e até mesmo com o ativismo gay (a política das loucas), algumas jovens tendem a se agarrar a posições mais reativas para fazer a diferença com o *mainstream* da maré: estar nas margens radicais, e na suposta primeira fila da luta. As posições radicais irreflexivas são um atalho para afirmar-se acriticamente rompendo alianças, enquanto se reproduz a violência e a exclusão de trans e de não binários, tanto da maré

Poética e vanguarda

Do ponto de vista da liberação de potências criativas do âmbito estético, e tendo em conta a tradição das línguas das loucas em que a maré atinge sua poética, importa pensar a relação com as experimentações linguísticas da literatura argentina. Em seu livro *Tres vanguardas* (2016), Ricardo Piglia observa três tendências fundamentais nas vanguardas da literatura argentina, três estratégias de transgressão do literário, três atitudes diante do mercado e da instituição que importam na hora de pensar experiências de politização da língua.

A primeira é a vanguarda estética de trincheira, ou a vanguarda à maneira de Baudelaire, Rimbaud ou Saer, mas também à maneira de Pizarnik: pensar a literatura como um espaço para se atrincheirar e negar as regras da sociedade atual, bombardeando-a. A vanguarda aparece aqui como contrassociedade, negação da arte que veio antes e do que existe.

O segundo tipo é o que se orienta para a transformação funcional dos meios de produção em um sentido socialista, uma vanguarda técnica, como propõe Benjamin, seguindo Brecht, no clássico “O autor como produtor” (1994): transformação funcional do aparato produtivo, ou a socialização dos modos de produção artísticos, como realizou Walsh em seus experimentos com a imprensa de trabalho, por exemplo, mas também como fez o projeto Eloísa Cartonera e toda a rede de editoras cartoneras do mundo.

Um terceiro movimento é o da utopia de massificação da vanguarda: aquela que leva os procedimentos artísticos de vanguarda à cultura de massas e que toma da cultura de massas seus materiais, tal como o fez Manuel Puig na fusão da alta literatura e do folhetim ou das

feminista quanto do mundo em geral. Essas vanguardas supostamente esclarecidas, mas teoricamente inconsistentes e politicamente contraproducentes, são uma reação conservadora dentro do movimento: uma de suas captações neoliberais. Inclusive, foi possível ver nas assembleias de 8M (greve feminista internacional) em fevereiro de 2019, em Buenos Aires, uma operação política para boicotar o movimento, produzida desde cima, e sustentada tanto pela velha lógica partidária macropolítica (que micropoliticamente significa: seletividade necrozada) e por supostas vanguardas que reforçam as micropolíticas reativas. LUDMER, Josefina. *Literaturas pós-autônomas*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>. Acesso em: 9 jul. 2020.

radionovelas, levando as línguas de loucas para a alta literatura, mas também aos grandes mercados.

Outro conceito da crítica literária que interessa (ou o que resta dela, já que o próprio campo é posto em questão aqui) é o de pós-autonomia, formulado por Josefina Ludmer.¹⁶ Se a vanguarda é pensada como um gesto, como manifesto e como programa de ação, a pós-autonomia é uma saída do âmbito literário dada pelas condições de produção na era da internet, e não como gesto dxs artistas, justamente porque as novas linguagens digitais levam os procedimentos artísticos fora do mundo livresco e trazem para o presente o estilo de que Ludmer chama realidade-ficção.

A origem do movimento Ni Una Menos, e, portanto, da maré global feminista, pode ser pensada como a massificação do procedimento de vanguarda poética perlongheriana (a articulação do plano dos corpos com o do discurso na explosão de uma linguagem política radicalmente nova) e sua multiplicação em redes a partir do uso crítico e coletivo das linguagens digitais e seus potenciais de comunicação. Foi o encontro entre a poesia, a força de um *slogan* e a capacidade das redes no contexto desse novo procedimento do presente que ativou o corpo coletivo da maré desde a primeira formulação do grito coletivo Ni Una Menos, chegando até a terceira edição da Greve Internacional Feminista, enquanto escrevo estas páginas.

Desde então a maré tem produzido infinitas manifestações e expressões, artefatos estético-políticos (que já não cabe chamar de “obras”). Traduzindo e expandindo esse movimento da língua para outras linguagens criativas, o projeto *Mareadas en la marea: diario íntimo de una revolución feminista*,¹⁷ que estou fazendo a curadoria com Fernanda

¹⁶ LUDMER, Josefina. *Literaturas pós-autônomas*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>. Acesso em: 9 jul. 2020.

¹⁷ O texto completo da amostra é o seguinte: “Uma maré é um fenômeno de deslocamento de fluxos por movimentos de forças horizontais de atração e gravitação entre corpos celestes. As marés afetam a vida dos organismos e transformam os ecossistemas: elas modificam os modos de vida e as relações entre eles, os modos de viver e de estar juntos. Desde 2015, uma maré feminista percorreu o planeta Terra. É o sujeito coletivo que as mulheres do mundo estão tecendo em um processo revolucionário em que os corpos sexuados estão misturados, confusos e conectados. Uma

Laguna, é um arquivo vivo que reúne materiais que questionam a divisão tradicional entre arte autônoma e ação política, e os expõe de um modo que desafia as convenções do mundo da arte, mas também da militância política.

Não se trata de “obras comprometidas”. Se trata de artefatos (fotos, pinturas, imagens, bandeiras, músicas, vídeos, *flyers*, *performances*, *make-up art*, experimentos comunitários e objetos de poder) que atravessam o limite da autonomia da arte para liberar as forças criativas do âmbito estético (que se vê permeado, por sua vez, pela lógica da mercadoria) e aplicá-las à construção de novos mundos possíveis. São os

multidão diferenciada e articulada sem donos, chefes ou líderes, mas que avança e carrega consigo as estruturas, instituições e modos de vida patriarcais. A maré cruza fronteiras, idiomas, classes e gêneros, cresce como uma onda de choque de desejo. Seu método é inteligência coletiva, amizade política, cuidado mútuo e imaginação de novas formas de comunidade. Nós nos reunimos politicamente e espiritualmente para criar o mundo em que queremos viver. *Mareadas en la marea* é ao mesmo tempo um arquivo vivo dessa experiência e um espaço para reflexão sobre como um processo revolucionário é vivido, baseado na exploração dos materiais de uma revolução sensível encontrada nos arquivos pessoais. Objetos de poder, lembranças que falam, diário íntimo coletivo, alianças incomuns, sororidades, escritos e leituras insubmissas constroem algo absolutamente novo: uma vanguarda feminista na qual arte e política, histórias e utopias são misturadas. A história aparece desde o campo pessoal ao radicalmente político em um mapa de amizade como um elo revolucionário. Em 2015, começamos a sonhar com uma medida de força original e poderosa: uma greve das mulheres. Um ano e meio depois, em 19 de outubro de 2016, graças a um enorme esforço coletivo, essa ideia que estava no ar foi concretizada como a primeira greve das mulheres na América Latina. Tal evento histórico, como uma resposta urgente a atos intoleráveis de violência e repressão, foi organizado de forma selvagem e apaixonada por uma coalizão de grupos e mulheres autoconvocadas em uma semana. Estávamos improvisando algo totalmente novo, e isso nos transformaria para sempre. A greve tornou-se uma necessidade histórica objetiva e embarcamos na aventura da primeira greve internacional das mulheres em 8 de março de 2017. Essa experiência nos deixou uma vasta organização em rede, profunda e radicalizada, que transborda nossas vidas no nível micro e macropolítico. Neste ano, a segunda Greve Internacional da Mulher foi imposta com a força do imposterável, do urgente. É organizado entre todas e desde baixo, horizontal e transversalmente. O que aconteceu entre essas datas importantes é fascinante e impressionante. Desde então vivemos a toda a velocidade com a certeza de que somos por nós mesmas e que nos organizamos para mudar tudo. Embora às vezes doa, a revolução é uma festa”.

artefatos que nos levaram a imaginar medidas de força, expressar lemas, imaginar mundos possíveis e formas de organizações novas. É justamente seu estar por fora do mundo da mercadoria e da autoria individual (os artefatos são de manufatura coletiva e muitas vezes anônima) o que permite a essas práticas romper as ataduras da instituição e seu cânone, sua servidão à lógica do mercado ou do existente para apontar as utopias, mas também colocá-las em prática.

Minha hipótese principal é que são as práticas criativas pós-autônomas e de vanguarda em sua tríplice dimensão (trincheira de resistência e abrigo coletivo, refuncionalização do modo de produção, massificação da vanguarda) que constituem o motor da maré feminista e que têm logrado massificar suas reivindicações históricas (dimensão macropolítica), assim como pôr em prática, aqui e agora, uma micropolítica emancipadora, o ensaio geral do mundo por vir.

A combinação de uma linguagem poética politizada em sentido corporal libidinal (o verso de Chávez que dá origem ao nome do movimento) com o alcance global das redes (#NiUnaMenos como *slogan* tornado em *hashtag* e *trending topic*) logrou que o impulso revolucionário saísse do ciberespaço para comover o corpo coletivo nas ruas, nas praças e nas camas. A internet tem permitido por sua vez estabelecer um canal de conexão global que chega ao internacionalismo desse movimento e sua traduzibilidade em tempo real, enchendo o tempo de uma intensidade histórica experimentada somente em momentos revolucionários.

É o tempo revolucionário que conecta os sonhos truncados do passado, a verdadeira história em sentido benjaminiano, a tradição *dxs* oprimidxs, com as chances revolucionárias de cada presente, a oportunidade de atualizar os sonhos do passado fazendo do presente um encontro com o passado e o futuro (penso em um verso de uma canção de arenga que diz: “Vamos lutar porque o devemos às meninas que nunca voltaram”).¹⁸ Nesse sentido, podemos pensar o compromisso da

¹⁸ Um exemplo que combina a percepção do aqui e agora carregado de historicidade com o procedimento feminista de vanguarda, que podemos definir como uma ocupação crítica dos tesouros culturais e sua coletivização por meio da elaboração horizontal, é a inversão feminista do sucesso “Despacito”, composta e

juventude e da infância com a revolução existencial, que já não tem como voltar atrás.

A lógica da *hashtag*, da repetição, do encontro e da apropriação talvez ofereça uma das chaves interpretativas dessa vanguarda: se trata de um encontro sem centro, sem lugar certo, sem autoria nem autoridade, cuja força provém da coletivização (o qual se relaciona também com o componente horizontal da força da maré, e a impossibilidade de privatização e capitalização desse contrapoder na liderança individual). À lógica proliferante da *hashtag* #NiUnaMenos se somam múltiplos temas: #VivasNosQueremos, #DesendeudadasNosQueremos, #LibresYDeseantesNosQueremos, e a campanha #Orgasmatón. Esses temas-*hashtags* traduzem por sua vez movimentos reais (analógicos e das ruas) para a linguagem das redes e vice-versa.

#VivasNosQueremos é uma reapropriação do *slogan* do movimento de mulheres mexicanas contra o feminicídio (assim se chamou uma megamarcha de 2016 na Cidade do México CDMX), que, por sua vez, traduz o *slogan* *Vivos los queremos* (derivado de “vivos os levaram, vivos os queremos” sobre os estudantes desaparecidos de Ayotzinapa), que, por sua parte, vem do emblema formulado pelos organismos de direitos humanos (uma vez mais, as loucas da praça) para o aparecimento com vida dxs desaparecidxs da última ditadura civil-militar-eclésiástica argentina. *Vivas Nos Queremos* é um lema que atravessa múltiplos movimentos feministas hoje, além de ser o nome de uma gráfica coletiva.

#DesendeudadasNosQueremos é um derivado do anterior, gerado a partir de uma reflexão sobre a trama das violências contra as mulheres, conectando o feminicídio com suas condições econômicas específicas nesta era de neoliberalismo de alto impacto e sua lógica de acumulação e despojo: a violência que implica a financeirização da vida. Para pensar, dar forma e expressar essa análise, o coletivo Ni Una Menos

executada por mulheres trabalhadoras da Associação de Trabalhadores do Estado (“Las pibas de ATE”) que se tornou um hino de rua de Ni Una Menos: <https://www.youtube.com/watch?v=pG5MYc8l9z4>. Acesso em: 9 jul. 2020.

e aliadxs realizamos, em 2 de junho de 2017, um dia antes da terceira marcha Ni Una Menos, uma ação performática: *Las insumisas de las finanzas*. A ação ocorreu na porta do Banco Central da Argentina denunciando o modo com que o neoextrativismo financeiro explora e precariza as vidas das mulheres e os corpos feminizados em particular.¹⁹

A ação consistiu em um desfile de corpos feminizados disfarçadxs de *yuppies* com cartazes e bandeiras com os *slogans* elaborados coletivamente ao redor do conceito de que, para estarmos vivas, necessitamos estar desendividadas e que o endividamento estatal e privado significa menos vida para nós. Dirigida por Silvio Lang, xs participantes desfilavam cantando “Vivas e desendividadas nos queremos” e cantos alusivos à dívida. Essa ação por sua vez dá visibilidade e inteligibilidade popular à relação entre dívida, disciplinamento e violência machista, e o *slogan* foi massivamente apropriado para tornar-se *vox populi* desde então, e ser incluído em bandeiras, cantos e lemas populares.

É justamente a expressividade dos lemas e das imagens o que permite massificar e popularizar questões de alta complexidade teórica em uma tradução das linguagens burocráticas da economia política para linguagens criativas que logrem comover e mobilizar as massas. Fórmulas como “Faço contas todos os dias” ou “A dívida é uma bomba-relógio” conectam a análise da situação com a experiência da vida cotidiana ao nível dos corpos e dos afetos.

Dado o êxito do *slogan* em seu empoderamento conceitual e multiplicação como reivindicação, quase um ano depois, em maio de 2018, o coletivo Ni Una Menos organizou outra ação ao estilo *escracho*, denunciando a cumplicidade do mercado oficial de arte na especulação financeira e na construção de uma falsa fachada de imagem positiva do governo de Macri, que justamente nesse dia reprimiu com muita violência os protestos de trabalhadorxs em luta por direitos iguais; #ElEstadoEsResponsable é outro de nossos lemas.

¹⁹ O manifesto “Desendeudadas Nos Queremos” foi publicado no dia da ação no jornal *Page 12*. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/41550-desendeudadas-nos-queremos>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Para conceitualizar e visibilizar a relação entre violência financeira, repressão e mercado artístico, o coletivo publicou um manifesto (*Las insumisas del arte*), que foi lido coletivamente em uma interrupção surpresa na festa de inauguração de ArteBA, em maio de 2018.²⁰ Ali escancarávamos a relação entre os mecanismos antiartísticos do negócio da arte que fazem dela cúmplice dos interesses das elites financeiras, e sua intenção de capturar o feminismo de cujos *slogans* a feira pretendia apropriar-se como exibição e *marketing* de uma mercadoria hipersofisticada, *cutting edge*.

#LibresYDeseantesNosQueremos é outro exemplo de proliferação criativa dos *slogans-hashtags* que foi uma ferramenta fundamental na massificação por radicalização da luta pelo aborto legal, seguro e gratuito que se intensificou na Argentina em 2018 para estender-se ao continente como ponta de lança de um movimento cada vez maior e mais profundo.²¹ Pensar o aborto a partir de uma ética da vida que caracteriza nosso movimento (a diferença da luta armada dos anos 1970, baseada na ideia de sacrifício e postergação) se relaciona também com um *slogan* popularizado pelo coletivo Serigrafistas Queer, transformado em *hashtag*: #AbortoLegalEsVida, a partir do qual disputamos o sentido da vida com os movimentos que propriamente devem ser chamados de pró-morte ou antidireitos. Para nós, se trata de pensar a vida a partir da criatividade, da autonomia e do desejo, e não da reprodução passiva do existente, não partir da vitimização, mas a partir da ação.

A luta pelo aborto é, por sua vez, a luta pela socialização do trabalho reprodutivo em sentido amplo, incluindo todas as formas de reprodução da vida, começando pela da Mãe Terra e pela defesa dos nossos corpos-territórios.

²⁰ Manifesto e vídeo da ação “Las insumisas del arte” disponível em: <https://www.facebook.com/NUMArgentina/videos/las-insumisas-de-las-finanzas-en-arteba/826574844200366/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

²¹ Sobre o movimento pela legalização do aborto em 2018, veja: https://medium.com/@j_lacs/la-marea-verde-latinoamericana-deseo-y-transversalidad-feminista-c21ec6dce4b5. Acesso em: 9 jul. 2020. E sobre a marcha *NiUnaMenos* de 2018, na luta pelo aborto legal e contra a violência financeira, veja: <http://catarinas.info/onda-massiva-pelo-aborto-legal-na-argentina/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

A campanha #Orgasmatón²² é outro exemplo do uso das linguagens poéticas digitais para a agitação dos corpos fora das redes. A chamada foi para uma ação íntima pública: à 0 hora de 8 de março de 2018, dia da Segunda Greve Internacional Feminista. Ni una Menos convocou desde suas redes às mulheres moleculares do mundo para administrar (ou ao menos tentar) um orgasmo de maneira criativa, e a postar #Orgasmatón. Buscava-se com essa campanha uma intervenção energética que preparasse uma jornada de luta na qual o prazer e a revolução sexual tiveram um lugar importante, como condição de uma ética feminista da vida e do desejo como força revolucionária (#NosMueveElDeseo é talvez nossa *hashtag* mais popularizada).

A Apostasia Feminista para Decidir, #ApostasiaFeministaParaDecidir #VivasLibresYDesendeudadasNosQueremos #NiUnaMenosPorAbortoClandestino #IglesiaYEstadoAsuntoSeparado, foi organizada em sintonia com o movimento energético íntimo público de #Orgasmatón no contexto de um ano de luta que focalizou o caráter revolucionário do desejo coletivo (em que articulamos a retórica dos direitos com a dos prazeres), no qual os fundamentalismos religiosos mostraram a sua verdadeira face feminicida. Após a rejeição da lei do aborto legal, seguro e gratuito no Senado, em agosto de 2018, por pressão das igrejas (apesar de uma impressionante mobilização de duas milhões de pessoas fora do Congresso Nacional no centro de Buenos Aires, mobilização que chamamos 8 de Aborto), realizou-se uma convocação espiritual, íntima coletiva: Apostasia Feminista para Decidir.

A ação foi convocada por uma articulação de diferentes agrupamentos sob o nome de Rejunte Laico, que consistiu na instalação de vários postos em que fariam o trâmite de apostasia e uma microfesta (*rave* herética, erótica, errática) no marco da marcha de 29 de setembro, dia internacional da luta pelo aborto legal, data em que voltamos às ruas depois da derrota legislativa.

²² A campanha consiste em três vídeos para divulgar nas redes, combina poesia, imagem, música e magia: Disponíveis em: <https://www.facebook.com/NUMArgentina/videos/780472202143964/>; <https://www.youtube.com/watch?v=NXSF2XXBrZ4&sns=fb>; https://www.youtube.com/watch?v=YBtXaM67h_g. Acessos em: 9 jul. 2020.

A ideia da revolução como festa está ligada ao feminismo em sua versão mais arcaica, às experiências matriarcais das culturas pré-cristãs. As tradições rituais populares incluem celebrações com música e dança como forma de dar coesão a uma comunidade ao colocar todos os corpos em um ritmo comum. Essa ideia, secularizada, volta a aparecer no feminismo contemporâneo como modo de construir comunidade, de entrar em empatia alegre, de despertar ressonâncias e correspondências não só com o sofrimento das outras, mas também com seus prazeres. Dançar, cantar, juntas a centenas de milhares ou de milhões, resulta sem dúvida em uma experiência de desobjetivação, de ativação por conectividade de um corpo coletivo como subjetividade política.

Na Primeira Greve Internacional de Mulheres, Lésbicas, Travestis e Trans (8 de março de 2017), o coletivo artístico *Kidz* organizou uma *rave* 8M, na mesma Praça de Maio onde terminava a marcha desde o Congresso. A *rave*, em que tocaram muitas *DJs* jovens e em que o protesto se fundou com a celebração de nossas rebeldias, foi um sucesso no sentido da afirmação popular de nosso direito ao prazer e à felicidade. Mas justamente por seu caráter transgressor do lugar de “boa vítima” (a que sem a agência política, só sofre, a que não goza, a que não se empodera), foi brutalmente reprimida pela polícia, com um saldo de 25 companheirxs detidxs, com apreensões ilegais e falsas causas criminais armadas (e depois retiradas) contra elxs.

Contra o disciplinamento da boa vítima, o efeito da *rave* foi multiplicador, e cada ação foi potencializada por novas convocatórias festivas. Poucos meses depois da repressão, e com a ideia de ampliar a experiência de criação de poéticas de luta em dança coletiva, junto com o coletivo *Kidz* organizamos a Rave da Maré, no marco do Festival de Literatura de Buenos Aires (Filba). A Rave da Maré voltou, ainda que com outro formato, só de *DJs*, a levantar-nos o ânimo na Vigília do 8 de Aborto (dia da rejeição no Senado à lei de aborto). A pequena festa teve seu auge no momento em que, já perdida a votação na Câmara de Senadores, afirmávamos nossa vitória nas ruas: dançava-se ao grito de “Ganhamos Todes”. Nesse mesmo espírito, uma vez terminada a votação

dentro do recinto, as mulheres se retiravam em colunas da praça cantando, orgulhosas de nosso movimento.

Em sintonia com a ideia de revolução sensível a experimentar-se no presente, como transformação urgente que sentimos no corpo, como convocação a um aqui e agora do tempo revolucionário, o coletivo Ni Una Menos produziu dois assuntos musicais para reunir as paradas internacionais. O primeiro foi chamado *Reagge Vogue*, composto coletivamente por várias *DJs* profissionais (Carolina Stegmayer, Ani Castoldi, Ana Helder e Ich D'Amore, e cantado por vozes de amigas, não profissionais) a partir do clássico “Vogue”, de Madonna, com uma base de *reaggeton*, a letra é um *rap* que fala sobre as sujeitas da greve e dos trabalhos que nós deixaremos de fazer por um dia.

O coro, a ser usado nos grupos de mulheres, dançado e cantado por multidões (Carolina Stegmayer passava a música do palco, insistindo uma e outra vez em nosso hino) em arenga, traduziu conceitos dos manifestos e apelos de Ni Una Menos: “Nós paramos, nos organizamos, gritamos nem uma a menos, vivas nos queremos/Nós paramos, nos organizamos, nós movemos o desejo, livres nos queremos”.

No ano seguinte, junto com Fernanda Laguna e Carolina Stegmayer, revertemos outro clássico popular da *cumbia* em um hino feminista: “Marea feminista”, interpretado e produzido pela Natalia Oreiro.²³ O *hit* da greve captou a atenção da mídia e imprimiu um caráter sensual e festivo para a manifestação, que reuniu só em Buenos Aires mais de oitocentas mil pessoas. Na Espanha, a greve mobilizou cinco milhões. Em Istambul, um milhão saíram às ruas em plena ditadura e guerra.

Talvez a maior ação artístico-política realizada até agora (escrevo em fevereiro de 2019) seja a chamada #OperaciónAraña #LaTieraTiembla #DesdeAbajo. Convocada pelo coletivo Ni Una Menos, pela Campanha Nacional por Aborto Legal, Seguro e Gratuito e pelas *Metrodelegadas* (delegadas sindicais dxs trabalhadorxs de metrô de

²³ Sobre o proceso de composição, veja: <https://www.pagina12.com.ar/97315-sube-subela-marea>. Acesso em: 9 jul. 2020. E nosso vídeo promocional para a canção “Marea feminista”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8WKCgnTjD64>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Buenos Aires), organizadas em um processo na assembleia durante um mês, a ação foi realizada em 31 de julho de 2018, a uma semana do tratamento do projeto de lei de aborto no Senado. A #OperaciónAraña recolheu a experiência de três anos de vanguarda feminista junto com a construção coletiva, horizontal e de assembleia do movimento feminista e de mulheres atual.

Araña, chamada assim pelo tecido em rede de uma intervenção artística simultânea de todas as linhas dos trens subterrâneos de Buenos Aires, foi um exemplo do trabalho criativo cooperativo. Reuniu mais de setenta grupos, vários dos quais nasciam e eram nomeados a partir do desejo de participar dessa ação artística e festiva. Reunidas no local do Sindicato de Trabalhadores de Metrô, com quem previamente o coletivo e a assembleia *Ni Una Menos* vinham articulando sob o slogan “Ni Una Trabajadora Menos”, “Desendeudadas Nos Queremos”, as coletivas elaboraram um plano. A ação foi pensada em função dos percursos das linhas de metrô, cada uma das quais expressava uma dimensão das reivindicações por aborto legal em função dos percursos e das características de cada uma delas (A. direitos humanos, B. desejo, C. autonomia, D. educação sexual integral, E. direito à informação, H. direito à saúde).

Araña combinou a análise de conjuntura e a ação política e estética em uma articulação única que colocava em relação os múltiplos planos das lutas feministas: o direito ao aborto não como um reclamação liberal individualista, mas em relação a conflitos laborais, do ponto de vista do trabalho, associando trabalho reprodutivo e trabalho produtivo, remunerado e não remunerado, questões de saúde pública, o tecido das lutas pelos direitos humanos e as expressões do desejo coletivo como potência revolucionária.

Para dar visibilidade a tal operação, secreta até o momento de sua realização surpresa, a assembleia *araña* organizou uma cobertura colaborativa entre meios alternativos. A ideia era também tomar controle, em redes e horizontalmente, sobre as imagens e a informação que os meios hegemônicos decidem compartilhar ou silenciar e suas interpretações maliciosas e tergiversações. Este documento conclui o seguinte:

Tomamos a cidade em rede e em movimento, misturamos tudo porque as tramas das violências afetam nossas vidas de maneira complexa e simultânea. O aborto clandestino não pode ser pensado por fora dessas violências. A cidade feminista é um corpo coletivo que ativamos entre todas e que nos permite reapropriar de nossos corpos que são nossos territórios. Aborto legal é vida, é desejo, é saúde e é autonomia (Tradução nossa).

A lógica de proliferação, interação, coletivização e tradução livre é contrária à privatização capitalista; de fato, é uma forma da construção do comum. A deriva conceitual das *hashtags*, que se transformam e crescem em outros contextos, é só um exemplo do procedimento fundante do que chamamos de internacional feminista: a socialização dos meios criativos de produção, a tradução política e a coletivização da propriedade intelectual em rede de sororidade global. É nesse sentido de seus procedimentos construtivos e criativos que essa vanguarda é um ensaio geral do mundo por vir, do que desejamos, porque pratica como seria produzir, pensar e organizar-se de um modo não patriarcal, não capitalista e não extrativista.

A libertação das ataduras do individual privatizado é, talvez, a maior força dessa revolução na qual sentimos que desestabilizamos a ideologia patriarcal e as subjetividades patriarcais e suas identidades fixas no processo de desnaturação dos atos de violência. Desautomatizando nossa percepção e tentando escapar do domínio colonial capitalista patriarcal. Isso implica também sair do jogo de papéis que a cena patriarcal impõe de vítimas e agressores (este último nem sempre ocorre, gerando momentos de reação dentro do movimento como o punitivismo e o puritanismo). E nesse sentido é que o feminismo popular da maré é uma vanguarda política e estética: antecipa e treina no plano da criação coletiva do comum, ou seja, micropoliticamente, a utopia de socialização da terra, liberação dos corpos e dos meios de produção por meio dos quais é possível construir uma sociedade sem classes nem hierarquias de gênero.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

COLECTIVO NI UNA MENOS. *Amistad política + inteligencia colectiva: documentos y manifiestos 2015-2018*. Buenos Aires: Edición autogestiva con la Gráfica del Pueblo, 2018. Disponível em: <http://niunamenos.org.ar/herramientas/biblioteca/amistad-politica-inteligencia-colectiva/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

COLECTIVO NI UNA MENOS. *La marea verde latinoamericana: deseo y transversalidad feminista*. 2018. Disponível em: https://medium.com/@j_lacs/la-marea-verde-latinoamericana-deseo-y-transversalidad-feminista-c21ec6dce4b5. Acesso em: 9 jul. 2020.

COLECTIVO NI UNA MENOS. *A onda massiva pelo aborto legal na Argentina*. 2018. Disponível em: <http://catarinas.info/a-onda-massiva-pelo-aborto-legal-na-argentina/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

LUDMER, Josefina. *Literaturas pós-autônomas*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>. Acesso em: 9 jul. 2020.

MORENO, María. *Panfleto*. Buenos Aires: Random House, 2018.

PALMEIRO, Cecilia. *Correspondencia de Néstor Perlongher*. Buenos Aires: Mansalva, 2016.

PALMEIRO, Cecilia. *Desbunde y felicidad: de la cartonera a Perlongher*. Buenos Aires: Blatt & Ríos, 2011.

PALMEIRO, Cecilia; LÓPEZ, Mariano. Las lenguas de las locas. *Revista Mansilla*, n. 7, 2015. Fanzine Pensando a la One: ensayos sobre Moria Casán, Santiago de Chile, Editorial Amistad, 2018.

PIGLIA, Ricardo. *Las tres vanguardias: Saer, Puig, Walsh*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2016.

ROLNIK, Suely. *Esfemas de la insurrección*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2019 (em prensa).

XINCA, Ximena. La marea llega en forma de rave. *Periódico Vas*. Disponível em: <https://www.periodicovas.com/la-marea-feminista-llega-en-forma-de-rave/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Literatura, Arte e Feminismos

Este volume reúne trabalhos escritos em um contexto adverso, que enfrentamos com a cuidadosa escrita e preparação de artigos que, agora entregues ao público, expandem os debates que aconteceram no II Encontro Literatura, Feminismos e Revolução, realizado em 2018 na Universidade de Brasília. Organizado por nosso Grupo de Pesquisa Literatura e Corpo, do Programa de Pós-Graduação em Literatura, o tema do encontro de 2018 foi “As caças às bruxas e a ferocidade branca”. Esta obra reúne ainda outras colaborações qualificadas de pesquisadoras de várias instituições do país, as quais integramos numa ampla rede de diálogo que desejamos alargar para pensar questões relativas aos feminismos e aos estudos literários em perspectivas plurais.

Foto ao fundo:

Arquitetura
do Memorial
Darcy Ribeiro
(Beijódromo)/UnB.
Por Júlio Minasi.



EDITORA



UnB